

Laszlo Böszörményi

O que acontece realmente A Transformação da Consciência

O mundo ilusório da sociedade próspera está desmoronando, bem diante dos nossos olhos. A crise do Covid-19, a crise ambiental, a crise educacional, a crise econômica, etc. São muitas as opções. O que está acontecendo conosco? O que isso nos quer dizer? Tudo isso tem algum significado? Eu afirmo: sim! O que acontece realmente, é que a transformação da consciência humana, através do trabalho interno, já deveria ter sido feita há muito tempo, mas estamos muito ocupados com tudo, e menos com isso.

A Situação Atual

1. O ponto mais claro da nossa consciência é o pensar; nós nos orientamos na vida, com a ajuda do pensar.
2. Mas parece que o pensar não está suficientemente desenvolvido, para conseguir lidar com os nossos maiores problemas internos. Nossos sentimentos, em primeiro lugar um temor geral e indefinido, não podem ser ignorados. Os pensamentos nos deixam indiferentes, os sentimentos nos levam com eles. Apesar disso, nossos sentimentos raramente podem nos dar a orientação, porque eles não são claros, não são compreensíveis. Se eu gosto de uma comida ou não, isso não diz nada sobre o seu valor nutricional. Nossos sentimentos não conhecem nada, eles sentem a si mesmos. Podemos compreender – inicialmente – apenas com o pensar.
3. Podemos refletir sobre a nossa consciência, sabemos *que* pensamos; mas não sabemos *como* pensamos. Se eu tentar observar o meu pensar, chego sempre tarde demais. O que estou pensando agora, fica consciente para mim, somente quando eu, ao menos internamente, expresso em forma de palavras. Pouco antes, o sentido da frase tem que estar presente em mim, ainda sem palavras, de

forma "fluída". Mas esse sentido sem forma, eu não posso vivenciar diretamente. Eu sempre vejo apenas o cadáver, o passado do pensar; no processo do pensar vivo atual, estou inconsciente, como no sono. Minha consciência vive então, no mínimo, em dois níveis: no nível superior do presente e no nível inferior do passado. Inicialmente, estou consciente apenas do nível inferior.

4. Nossa consciência é uma autoconsciência; eu sei que eu sou um "Eu". Mas quando eu me pergunto: "Quem você realmente é?" Eu me sinto da mesma forma que Peer Gynt, que quis encontrar o núcleo de uma cebola e acabou ficando sem ter nada nas mãos. Eu posso evidentemente, enumerar as minhas qualidades e experiências, mas tanto faz para quais delas eu aponto: esse não sou eu. Aquele que aponta – esse sou eu! Mas deste Eu, não tenho uma experiência imediata. Como o sentido de uma frase permanece oculto atrás das palavras, da mesma forma, o meu eu verdadeiro permanece escondido de mim.

5. Temos um sentimento não muito claro de nós mesmos, ao redor do corpo - com a expressão do G. Kühlewind, a camada, com a expressão do R. Steiner, "o amor próprio"-, que nos acompanha ao longo de todo o dia, nos sentindo uma vez melhor; outra vez, pior. Nós nos identificamos com esse sentimento de nós mesmos, e este, sempre quer ser confirmado. É isso que nos torna egoístas: o nosso dia a dia é organizado para que sintamos esse sentimento de nós mesmos, da forma mais intensa possível. Se possível, de uma maneira agradável, como através de vivência de sucesso, de elogio ou até mesmo de autoelogio, ou, se não há outra maneira, também de forma negativa, como através de inveja, ciúme, ódio, etc. Qualquer coisa, é mais desejável do que o medo do "tédio mortal" - como Michael Ende descreve em seu livro, "Momo". (Título em português: "Manu, a menina que sabia ouvir").

6. Na criança pequena, o querer, o sentir, o pensar e o perceber ainda não estão separados. A criança tem uma capacidade uniforme de conhecer, está "afinada no significado", no sentido. Ela vive também, em uma unidade de consciência com o seu ambiente falante. Caso contrário, a criança não poderia aprender uma língua materna (às vezes, várias).

7. Cada idioma tem dois lados: um externo, que aparece (uma frase construída com palavras), e um interno, o entender (o significado oculto da frase). Durante a aprendizagem da língua materna, a nossa consciência adapta-se a esta estrutura. Na estrutura da linguagem, forma-se uma vida interior e exterior da alma. A capacidade primordial uniforme de conhecer, se divide na dualidade pensar e perceber. E uma outra parte da vida interior, perde quase toda a capacidade de conhecer, e se torna o sentir de nós mesmos.

8. Com a separação do pensar e do perceber, separa-se também verdade e realidade. Cada percepção está acompanhada de um sentimento de realidade e cada entender, com um sentimento de verdade e da evidência. É por isso que achamos que o mundo da percepção é a realidade - e apenas ela. Mas o "o quê", a "interpretação" do mundo da percepção, vem do pensar. A partir da infinita continuidade do mundo da percepção, eu vejo apenas aquilo que consigo distinguir e organizar, com a ajuda do conceito. "Uma palavra não designa uma coisa, mas o meu entender de alguma coisa", G. Kühlewind costumava dizer. A criança pequena, vê a primeira mesa, no momento em que ela entende esse conceito.

9. As ideias criativas dos objetos feitos pelo homem, nós conhecemos (eu sei para o que serve uma xícara de café ou um clipe de papel). As ideias criativas por trás da natureza não são acessíveis a nós, são grandes demais. Por isso, descrevemos a natureza usando conceitos externos (como aparência, etc.). O mundo da percepção faz limite com o nosso mundo da compreensão [do entender]. Ele começa, onde o nosso entender termina. Portanto, nós o vivenciamos como externo e real.

10. Através da formação do sentimento de nós mesmos, a estrutura dualista se fortalece. A gente se apega cada vez mais a ela, e assim surgem mais "divisões", em nós.

11. Depois de aprender a língua materna, o pensar e o falar também se separam - embora não completamente. A criança pequena entende a língua, no começo, ainda diretamente. Ela não chega no sentido, a partir das palavras isoladas, mas ao contrário. Ela primeiro entende o sentido de uma frase, e só depois, as palavras isoladas. Mas através da rotina do falar, no entanto, surge a possibilidade de usar as palavras sem significado ou com significado reduzido (como uma

“palavra vazia”). Esta é a base da capacidade de mentir: a capacidade de dizer algo diferente do que se pensa.

12. A separação entre pensar e falar, também é a base da meditação contemporânea. Esta é a capacidade de fortalecer a atenção do pensar, de tal maneira que ela também, sem formas dadas, sem palavras, consista em si mesma. Na meditação contemporânea, o adulto pode ficar “como as crianças”, pode vivenciar o sentido fluido e vivo diretamente, porém agora conscientemente - como os "Filhos de Deus".

Estas são as principais características da nossa consciência contemporânea. Rudolf Steiner chama esse tipo de consciência, que se desenvolve no decorrer da "quinta época pós-Atlântida": a *alma da consciência*. A consciência do ser humano nem sempre foi assim, e a consciência da criança pequena, atualmente também ainda é bem diferente.